

## A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA ELABORAÇÃO DO LUTO NA SEGUNDA INFÂNCIA<sup>1</sup>

Grasiela Delgado Oliveira<sup>2</sup>

Anna Costa Pinto Ribeiro<sup>3</sup>

### RESUMO:

A compreensão sobre a morte na infância está diretamente relacionada à idade da criança, à sua experiência com a realidade e aos sentimentos de perda já vivenciados no decorrer de seus poucos anos de vida. Os contos de fadas são instrumentos importantes para a vida emocional das crianças. Ao falar de temas como tristeza, perdas, luto e abandono, eles tratam, em seus enredos, das noções de vida e morte, dos ciclos que se iniciam e se fecham e da busca por resoluções felizes para os acontecimentos naturais. Retratam, de forma acessível à criança, os problemas humanos universais, utilizando as imagens e o simbólico. Por meio da análise de algumas histórias, percebe-se que as crianças se encontram ali retratadas. De certa forma, os contos transformam-se em um importante recurso na vivência e no preparo para o enfrentamento do luto. Assim, este artigo tem como tema a importância dos contos de fadas como instrumento auxiliar para a elaboração do luto pela criança na segunda infância. Pretende-se, como objetivo geral, compreender como os contos podem auxiliar as crianças no enfrentamento do luto, podendo ser utilizados como amparo ao funcionamento psíquico. O tema apresenta-se relevante para a Psicologia ao propor um caminho terapêutico que consegue, de forma lúdica, acessar um conteúdo que a cultura se mostra resistente a falar com a criança, a saber: o enlutamento infantil.

Palavras-chave: Contos de Fadas. Desenvolvimento Infantil. Lúdico. Luto.

## THE IMPORTANCE OF FAIRY TALES TO COPE WITH GRIEF DURING CHILDHOOD

### ABSTRACT:

The comprehension of death is directly related to the age of the child, the experience attached to the reality and also about how they have already dealt with the feeling of loss throughout the few years of their lives. It is important to think, in psychology field, about strategic techniques that may help the elaboration of children's states of bereavement. Thus, this article has as its theme the importance of fairy tales as a helpful instrument in the construction of mourning process in second childhood. It is

---

<sup>1</sup>Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Humano. Recebido em 24/11/2022 e aprovado, após reformulações, em 30/11/2022.

<sup>2</sup>Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: grasiela-delgado@hotmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Psicologia clínica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: annacostapribeiro@gmail.com.

intended, as a main goal, to understand how fairy tales can help the children to face mourning confrontation, used in a playful way, as a support to psychic functioning, helping to solve the demands experienced by children in situations of loss.

Keywords: Fairy tales. Child development. Recreation. Grief.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema do enlutamento infantil e de como a criança vivencia as perdas traz inquietação aos estudos da Psicologia desde o início do século XIX, quando a infância assumiu um lugar privilegiado no olhar médico e psicanalítico, especialmente através da figura do médico neurologista Sigmund Freud. Ao falar sobre a sexualidade infantil (FREUD, 1969) e a constituição do psiquismo nos seis primeiros anos de vida, Freud lançou luz à necessidade de cuidados direcionados à esta idade.

De acordo com Freud (1974), o luto consistena reação à perda de um ente querido ouà perda de alguma abstração que ocupou seu lugar. Apesar do luto ter importantes repercussões naquilo que representa o comportamento normal, ele não é considerado, necessariamente, uma condição patológica que necessite ser submetida a tratamento médico. É esperado que o luto seja elaborado e superado após um determinado tempo.As questões que emergem a partir da assertiva de Freud sobre luto são: a)Quais recursos contribuem para o enfrentamento e a elaboração do luto pela criança? b) Seria isto feita da mesma forma em todas as idades?

Posteriormente, em um país e área de atuação distintos daqueles de Freud, o psicólogo infantil Jean Piaget (1964) apontou a existência de quatro grandes estágios no desenvolvimento da criança. O primeiro, que consiste no estágio sensório-motor, acontece entre zero e dois anos de idade.O estágio pré-operacional, por sua vez, engloba dos dois aos sete anos.Já o estágio operacional-concreto situa-se entre os sete e onze anos de idade. Finalmente, atinge-se o estágio operacional formal, entre os onze e doze anos.

Estes estágios significam, na teoria Piagetiana, que a forma como a criança se identifica com a realidade está diretamente relacionada ao conceito de reversibilidade, que é vivenciado de maneiras distintas no decorrer do seu desenvolvimento. Percebe-se que, no estágio operacional concreto, há o surgimento da noção de que alguns acontecimentos são irreversíveis, como a morte. Assim, denota-se que, dos cinco aos

sete anos de idade, a criança passa a racionalizar os conceitos de morte, constituindo o recorte temporal utilizado neste trabalho para correlacionar os contos de fada e a resolução do luto.

Segundo Piaget (1964), esses estágios surgem em ordem necessária, pois não podem ser suspensos. Assim, encontram-se diretamente ligados um ao outro, sendo formados a partir de cada idade e das particularidades do desenvolvimento de cada criança, visto que dependem da interação do sujeito com o meio que está inserido.

Crianças abaixo dos cinco anos, então, concebem a morte como algo reversível, semelhante ao sono ou a alguma separação temporária, acreditando que, em algum momento, tudo voltará a ser como antes. Em situações assim, é necessário desmistificar a fantasia da criança, explicando, de maneira clara e sensível, o que é a morte. Isso pode ser feito mediante a apresentação de exemplos, como a morte de algum animal de estimação, o que facilita a compreensão da realidade. O esclarecimento das situações, apesar de doloroso, é necessário. Quando a criança é enganada e, mais tarde, descobre por si mesma a morte de um ente querido, a relação de confiança com os adultos é quebrada, o que resulta em sentimentos de raiva e frustração (MOURA; ASSIS, 2018).

Entre os cinco e os sete anos de idade, tem-se a fase compreendida pela Psicologia como segunda infância. Nessa fase, a morte é encarada como uma punição, cabendo aos adultos esclarecer também essa fantasia. Posteriormente, com o amadurecimento do psiquismo e a maior compreensão da realidade, a morte passa a ser entendida como algo natural. Entretanto, independentemente da idade da criança, o fato ocorrido deve ser esclarecido de maneira sensível, tendo como objetivo não agravar, ainda mais, o sofrimento infantil (MOURA; ASSIS, 2018).

Embora, inicialmente, os contos de fadas estejam relacionados ao encantamento, seu valor reside no poder de ajudar as crianças a lidar com seus conflitos internos. A função principal dos contos é integrar o ser humano e mostrar caminhos e alternativas frente às dificuldades que os acompanham na trajetória de crescimento. Sua forma e estrutura proporcionam às crianças imagens com as quais podem estruturar suas fantasias, dando melhor direção à resolução dos conflitos internos.

O interesse pelo tema surgiu a partir da necessidade de entender a importância dos contos de fadas para a elaboração do luto infantil, incluindo seus efeitos nas emoções e relações das crianças. Acredita-se que os contos de fadas auxiliam na elaboração do luto, fazendo com que a criança lide com a perda de uma forma mais tranquila e leve. A pesquisa tem o objetivo de servir de suporte não só para os pais, familiares e cuidadores, mas também para profissionais que lidam com crianças enlutadas nas diversas fases do desenvolvimento.

Ao indagar se os contos de fadas podem servir como ferramenta lúdica para a elaboração do luto infantil, este artigo investiga a hipótese de que eles constituem instrumentos muito eficazes no processo de resignificação. Os contos de fadas tratam o tema da morte de maneira implícita, sem disponibilizar fórmulas ou respostas prontas, permitindo que a criança escolha ou não aplicar a si próprio aquilo que a história revela sobre a vida e a natureza humanas. O gênero literário favorece, portanto, a introspecção, pois a criança tem a possibilidade de acessar seus sentimentos e criar a esperança de que o sofrimento que a acomete venha a ser passageiro.

Para se atingir os objetivos deste estudo, foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfica, buscando argumentos que permitissem refletir acerca da possibilidade de os contos de fadas serem usados como instrumento auxiliar para a resolução e a elaboração do processo de enlutamento na segunda infância. A vantagem em adotar esta modalidade de pesquisa consiste na possibilidade de se obter uma visão mais ampla sobre o fenômeno investigado (GIL, 2008).

Para compor o aporte teórico, foi realizada uma pesquisa por títulos de referência, artigos científicos e livros de autores consagrados, como, por exemplo, a obra de Bruno Bettelheim (2015). Em um primeiro momento, aborda-se a vivência do luto no desenvolvimento infantil, focando nas crianças entre cinco e sete anos. Em seguida, discute-se o aporte lúdico, salientando a sua importância para a elaboração psíquica para a criança. Finalmente, examina-se a relação entre os contos de fada e o luto infantil.

## **2 A VIVÊNCIA DO LUTO NA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Nesta primeira seção, aborda-se o desenvolvimento infantil, tendo como focos aspectos do enlutamento. Busca-se definir o que é o luto, qual a sua relação com o desenvolvimento infantil e as diversas formas de tratamento, de acordo com diferentes autores. Para a criança passar pelo processo de desenvolvimento, ela precisa se compreender e reconhecer no mundo, onde terá que aprender a viver e a lidar com várias questões. Para isso, deve receber apoio e ajuda que sejam capazes de levá-la a se conscientizar acerca dos sentimentos que enfrenta. A criança necessita de significados que façam com que ela consiga colocar seus pensamentos em ordem, fazendo com que tenha habilidades para obter resultados positivos em sua vida. Acreditamos que os contos de fadas sejam capazes de transmitir esses significados.

Freud, em seu texto “Luto e Melancolia” (1974), descreveu o luto como uma atividade a ser elaborada pelo ego, para que possa se adaptar à perda do objeto amado e se colocar frente à percepção da realidade da perda. Na teoria psicanalítica, a elaboração do luto foi retratada como um processo de identificação com o objeto perdido, no qual há a remoção, em etapas, do investimento libidinal desse objeto, permitindo que a libido seja direcionada para novos objetos. Esse recurso não significa o afastamento total do objeto que foi perdido, uma vez que o laço com o objeto interno persiste e é ressignificado durante o processo de luto. É por meio dessa atividade de ressignificação do objeto perdido que a elaboração do luto acontece.

Segundo Freud (1974), o luto é um processo lento e doloroso, cujos principais traços são uma tristeza profunda, o distanciamento das tarefas que não estão ligadas ao objeto perdido, a perdida vontade sobre o mundo externo e a ausência de habilidades no encontro de um novo objeto amoroso.

Ao longo do desenvolvimento, o indivíduo passa por experiências de perda, que compõem padrões de estados psíquicos que são acrescentados na mente e que podem ser vividos em circunstâncias semelhantes posteriores. Freud (1974) demonstrou que as primeiras experiências traumáticas formam o padrão dos estados afetivos, uma vez que são incorporados no psiquismo, de modo que, quando acontece uma situação parecida, são revividos como símbolos mnêmicos.

A psicanalista infantil Melaine Klein (1996), uma das precursoras da psicanálise infantil, que idealizou a técnica da análise pela atividade lúdica, afirmou que o brinquedo compõe a linguagem de expressão da criança. O brincar, atividade natural

das crianças, pode ser considerado a expressão da fantasia inconsciente. A autora considera o brincar da criança durante a sessão como o equivalente à associação livre do adulto, ou seja, como discurso um emissor, cujo significado emocional é também equivalente ao sonho do adulto.

A teoria kleiniana, chamada de “teoria das relações objetais”, está fundamentada em uma visão mais dinâmica do que estrutural. Essa dinâmica, de introjeção e projeção<sup>4</sup>, é determinada no estabelecimento de vínculos com objetos bons e maus no psiquismo infantil. Esses mecanismos atuam de diversas maneiras, baseados nos impulsos instintivos, e são determinantes nos processos de formação do ego e superego, ou seja, na formação da personalidade.

A introjeção corresponde ao mecanismo primitivo do bebê de introjetar todos os objetos, começando pelo seio materno. Já a projeção tem sua origem nas identificações projetivas que a criança de pouca idade faz em suas fantasias. Falar de Melaine Klein (1996) é falar da sua relação com o estudo das primeiras fases do desenvolvimento infantil, baseando-se na infância mais primitiva. De acordo com Klein, o objeto de amor e os objetos bons da infância foram inseridos no mundo interno da criança através de suas experiências de gratificação, constituindo uma qualidade de *self* satisfatória ao narcisismo. Assim, quando se instala o luto na fase adulta, conseqüentemente, ocorre uma sensação de perda dos objetos. Se a perda for dos objetos bons, os que restam são somente objetos maus, gerando sensações reativas de ansiedade, culpa, raiva, dentre outras. Os objetos maus são teorizados por Klein como frutos das frustrações e desprazeres experimentados na infância primitiva.

Sobre a visão psicanalítica em relação ao luto, há contribuições relevantes de Melaine Klein sobre o que ocorre com o psiquismo do sujeito para enfrentá-lo. Vale ressaltar que, para Klein (1996), a perda que resulta no processo de luto envolve objetos reais e simbólicos, de modo que o sofrimento pode ser decorrente tanto da morte de uma pessoa querida quanto da perda de um objeto que tenha grande valor sentimental.

Para Klein (1996), o luto manifesta os sentimentos depressivos arcaicos, compostos por todos os lutos presentes no processo de desenvolvimento e

---

<sup>4</sup>Introjeção e projeção consistem, pois, em mecanismos do mundo interno (psíquico), o qual é construído a partir de relações que se estabelecem com objetos (coisas ou pessoas) e que influencia e é influenciado pelo mundo externo (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

crescimento do sujeito, a partir das perdas simbólicas do seio bom e a prevalência do seio mau persecutório. Portanto, entende-se o luto como um processo primitivo.

Klein (1996) diz que, quando ocorre esta perda no inconsciente do indivíduo, ele acha-se perdido, confuso e acreditando que seu mundo interno, edificado nas primeiras fases do desenvolvimento infantil, foi desfeito e danificado. É importante observar que, de acordo com Klein (1996), o enlutado precisa passar por uma reestruturação do seu mundo interno, reinternalizando o objeto bom para que tenha possibilidade de reestruturá-lo no seu mundo interior.

Para Melanie Klein (1996), assim como para Sigmund Freud (1974), o luto também é uma perda objetal, processo que envolve uma reativação de experiências ocorridas no início do desenvolvimento psíquico humano. Klein (1996) considera que, nesse processo, há uma reativação do que chamou de “posição depressiva” antiga, em que a criança se preocupa com o bem-estar do outro. Conforme ocorre o direcionamento dos impulsos amorosos para o mundo externo, a criança desenvolve um relacionamento mais positivo com a mãe, conscientizando-se de sua própria ambivalência. Nessa fase, a criança apresenta uma ansiedade relacionada ao medo de que seus próprios impulsos destrutivos possam destruir sua mãe amada. A percepção de sua própria ambivalência leva a intensos sentimentos de responsabilidade, desespero, ansiedade e culpa. Portanto, para Klein (1996), o luto não se refere somente à perda objetal real, mas também simbólica.

Melaine Klein (1996) propõe que atividades psicóticas são reativadas no luto normal, fazendo com que, no decorrer desse período, o indivíduo fique adoecido. No entanto, como a sua condição mental é funcional conforme as circunstâncias, o luto não é visto como uma doença, podendo ser elaborado após determinado tempo.

Saindo da Psicanálise e visitando a teoria cognitiva de Jean Piaget (1964), entende-se que a criança, em cada fase da vida, apresenta um modo de pensar diferente. Através dessa teoria, compreende-se que a ludicidade é uma atividade própria da infância, sendo capaz de progredir de modo individual ou coletivo, além de ser ferramenta auxiliar para a socialização. Piaget (1964) afirma que a criança é agente ativo de seu desenvolvimento, que ocorre com base em quatro determinantes básicos: a maturação do sistema nervoso central, a estimulação do ambiente físico, a

aprendizagem e a tendência ao equilíbrio. No caso do desenvolvimento cognitivo, ele inicia-se a partir do nascimento e progride até a maturidade, alcançando a fase adulta.

Para os comentadores Anton e Favero (2011), em situações repentinas de perda, há uma intensificação do protesto contra a morte e uma busca pelo objeto de amor perdido. Aquele que vivencia o luto empenha-se, na realidade ou em pensamento, para encontrar a figura perdida. Durante esse processo, há uma ambivalência de sentimentos, dentre os quais se destacam a raiva, a esperança e o desespero.

A seguir, será explorada a maneira pela qual o lúdico contribui para os processos de elaboração psíquica das dificuldades infantis. Mais à frente, será estabelecida uma relação entre o luto e lúdico, apresentado na forma dos contos de fadas.

### **3 O LÚDICO COMO ELABORAÇÃO DOS PROCESSOS PSÍQUICOS DA CRIANÇA**

Neste ponto do artigo, busca-se abordar o lúdico do ponto de vista de sua função formadora de sentidos na infância, sua importância no processo de aprendizado e seu papel na elaboração do luto. O lúdico tem uma ligação com a infância, integrando valores às suas experiências, divertindo, ensinando e contribuindo para o desenvolvimento e a construção da personalidade. É por meio dele que a criança pode transitar entre a fantasia e a realidade, constituindo seus sentimentos através da exploração dos elementos que estão à sua disposição (SANTOS, 2021).

Os jogos, brinquedos e brincadeiras infantis auxiliam a criança a atribuir sentidos às suas vivências, contribuindo para somar, transformar ou conferir novos significados para os acontecimentos que atravessam a sua realidade. O brincar é identificado como um elemento mágico e fascinante que incentiva a criança a buscar uma dimensão criativa, em que a imaginação e o jogo de faz-de-conta se tornam chaves secretas de um mundo onde existem dragões, princesas, piratas, heróis e vilões (SANTOS, 2021).

Quando a criança brinca, ela entra em contato, por meio da fantasia e da criatividade, com várias possibilidades de desenvolver suas potencialidades,

habilidades e competências. Além disso, o brincar também estimula o contato e a interação social. Através da brincadeira, a criança aprende a perceber e a conhecer melhor a si mesma, constituindo autonomia e aprendendo a escolher, tomar decisões, ter paciência, dividir, expressar-se e se comunicar (SANTOS, 2021).

O lúdico ajuda o processo de simbolização de várias maneiras, apresentando-se nas brincadeiras, brinquedos ou manifestações criativas que tragam prazer e possibilitem um desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Assim, o lúdico atua como suporte ao desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES; 2016)

O lúdico não é apenas uma forma de diversão, mas o meio privilegiado pelo qual a criança se desenvolve cognitivamente, afetivamente, fisicamente e socialmente. Ele contribui para o processo de ensino-aprendizagem, trabalhando o desenvolvimento psicomotor da criança, além de desenvolver a imaginação, a interpretação, a criatividade, a habilidade de tomada de decisão e a formação de hipóteses por meio de regras (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES; 2016).

As atividades lúdicas representam, de modo simbólico, as fantasias, os desejos e as experiências vividas na infância, tornando-se instrumentos para que a criança exponha situações ou vivências que a afligem. Assim, o brincar pode ser usado de maneira terapêutica, pois facilita a expressão da realidade psíquica da criança (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

A função do brincar é ressignificar as experiências traumáticas, conflituosas e difíceis. Quando a criança realiza uma atividade lúdica, inicia-se um movimento libertador, que possibilita o processo elaborativo de uma situação que havia sido vivenciada de maneira desagradável e sofrida. A ludoterapia, nome dado à terapia infantil baseada nos recursos lúdicos, permite o acesso às fantasias infantis inconscientes, ajudando na elaboração das angústias frente às perdas e propiciando à criança o conhecimento da sua realidade psíquica. Além do brincar, que permite que a criança expresse seus conteúdos internos, os testes e técnicas projetivas também são recursos pertinentes, permitindo a expressão das fantasias inconscientes (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

A teoria de Piaget (1978), baseada no desenvolvimento natural da criança, transformou o processo de ensino-aprendizagem em uma ampla área de

possibilidades, em que o lúdico se apresenta como um estímulo à aprendizagem. O psicólogo russo Vygotsky (1989), um dos principais autores a defender o uso do lúdico no processo de ensino-aprendizagem, por sua vez, acreditava que a criança experimenta comportamentos que podem ser utilizados na idade adulta. Ou seja, através do lúdico, a criança se compreende no mundo real. Pode-se dizer que, para ambos os autores, o lúdico tem grande influência dentro da aprendizagem. Assim, as concepções de Piaget e Vygotsky se complementam: enquanto o primeiro compreende o lúdico como estímulo para a aprendizagem, o segundo concebe o lúdico como uma maneira de inclusão da criança no mundo real (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

Resgatando-se a teoria do desenvolvimento infantil elaborada pelo médico, pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott (1975), entende-se que o desenho infantil também permite que a criança expresse seus traumas, conflitos ou problemas vivenciados. O desenho infantil e o brincar são criações subjetivas, que se baseiam na capacidade de reparação. Dessa forma, a comunicação da criança acontece através do simbólico e do lúdico. Na análise, o brincar, o desenho, a dramatização e a contação de histórias constituem técnicas terapêuticas de grande valor. A utilização de recursos lúdicos contribui para o desenvolvimento da criança ao longo de toda a sua vida.

Considera-se, então, que o brincar é algo próprio da criança, além de ser uma maneira de desenvolver as dimensões cognitivas, físicas e comportamentais. Contudo, para alcançar este desenvolvimento, é necessário que existam investimentos voltados para a construção de uma aprendizagem que envolva o brincar e possua, como suporte, a literatura infantil. O processo de aprendizagem é difícil. No entanto, ainda assim, a criança estrutura e desenvolve hipóteses em relação à aprendizagem. É relevante que a criança transite por experiências que proporcionem a exploração do ambiente, tornando-a capaz de desenvolver a aprendizagem de forma agradável. Nessa perspectiva, o lúdico contribui para um desenvolver brincando (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

Assim, afirma-se que a criança, por meio da literatura, começa a ter uma noção do mundo em que vive, obtendo conhecimentos baseados nas histórias que escuta e nas explicações fornecidas pelos adultos, o que permite que entenda facilmente o

mundo à sua volta. É por meio da leitura imaginária que a criança se interessa por aprender mais. Os contos de fadas são interessantes para elas, porque retratam histórias simples, que aguçam a imaginação. Portanto, considera-se que a literatura infantil é a forma mais utilizada para educar as crianças, especialmente através da utilização dos contos de fadas. Esse é o método de ensino pelo qual as crianças se sentem mais atraídas (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

A seguir, será discutida a literatura lúdica, expressa na forma de contos de fada, salientando seu potencial terapêutico para a elaboração do processo de luto na segunda infância.

#### **4 OS CONTOS DE FADAS COMO ELABORAÇÃO LÚDICA DO LUTO**

Os contos de fadas são histórias fantasiosas, que beneficiam a introspecção, visto que a criança tem facilidade de pensar acerca de seus sentimentos, na expectativa de que seu sofrimento seja breve. Essa introspecção, através da literatura, atrai as emoções tanto de quem está lendo quanto de quem está ouvindo, possuindo a capacidade catártica de liberá-las. Ao ouvir os emaranhados do enredo, que habitualmente trazem histórias de desamparo, morte e perdas, a criança percebe que ela não é a única a passar por essas angústias. (CALDIM, 2004)

Uma característica dos contos de fadas consiste em retratar o amadurecimento humano. É possível realizar uma breve análise de alguns contos, cuja passagem da infância ao mundo adulto é necessária para transcender vários obstáculos, adentrar em lugares desconhecidos e se defrontar com “lobos” e “bruxas”, para que, então, seja possível sair triunfante diante de qualquer circunstância.

Os contos de fadas são métodos que trazem grandes benefícios, pois trabalham de modo direto a imaginação das crianças e, principalmente, seu desenvolvimento psicológico. Ou seja, trabalham o entendimento e a mente de cada um. Isso ocorre pelo fato de que histórias desse tipo trazem lições sobre o bem e o mal (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

Os contos de fadas têm a capacidade de despertar reações diversas nas crianças, acendendo, muitas vezes, o desejo de ouvir mais histórias e estimulando a imaginação e até mesmo a criatividade para criar novos contos. É através dessas

reações que as crianças entram em contato consigo mesmas e com seus sentimentos, desenvolvendo um novo meio de comunicação (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

Retomando o tema do luto, podemos dizer que, na infância, a perda de um ente querido pode ser traumatizante, ainda mais quando se trata de uma perda inesperada dos pais ou cuidadores. Situações assim podem levar a criança a um estado de choque, pois perde sua principal fonte de investimento amoroso e referência na estruturação de si mesmo (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

A morte repentina dos genitores se trata de um choque profundo, capaz de romper a barreira protetora do ego, podendo provocar perturbações duradouras sobre a organização psíquica da criança. É um período de desequilíbrio psicológico decorrente de um evento ou situação grave que a criança não consegue resolver, pois faz uso de mecanismos de defesa que podem levar a um estado de crise. A perda dos pais ou daqueles que exercem a função materna e/ou paterna, quando ocorre de forma brusca, violenta ou prematura, é mais complexa de ser elaborada pelo psiquismo infantil (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

Para o estudioso da infância Bruno Bettelheim (2015), quando pensamos em contos de fadas, logo nos vêm à mente aqueles que se iniciam com a frase “era uma vez” e terminam com “e viveram felizes para sempre”. Neles, sempre existe uma princesa que passa por situações nada agradáveis, mas que, no final, é resgatada e salva pelo beijo do príncipe encantado.

Ao apresentarem situações conflitantes e passíveis de acontecerem com as crianças, os contos permitem o desenvolvimento do ego e, simultaneamente, diminuem a pressão exercida a nível pré-consciente, apontando que existe uma forma de elaboração das ideias ou sentimentos. Pelo fato de os contos de fadas proporcionarem familiaridade com esse tipo de dificuldades e, especialmente, devido à forma como são elaborados, as crianças encontram saídas que lhes permitem criar imagens mentais e adaptar as fantasias inconscientes às fantasias conscientes, processo chamado de elaboração. Outro ponto bastante importante, ressaltado por Bettelheim (2015), diz respeito ao “e viveram felizes para sempre”. Ao contrário do que se interpreta, a criança é capaz de entender perfeitamente que essa fantasia não

simboliza imortalidade, mas sim que se trata de obter um nível de ligação com outras pessoas, eliminando ou diminuindo a angústia da morte.

Os contos de fadas orientam, então, a criança para a descoberta de sua identidade e para as experiências que são importantes para o desenvolvimento de seu caráter. Ao terminarem com o “felizes para sempre”, sugerem que uma vida gratificante é possível de ser conquistada, independentemente dos obstáculos. Ao mesmo tempo, mostram que, para isso, o sujeito não pode se inquietar diante dos problemas corriqueiros, uma vez que, sem eles, não se conquista a verdadeira identidade (BETTELHEIM, 2015).

Portanto, para Bettelheim (2015), os contos de fadas funcionam como ensinamentos, que incentivam o desenvolvimento intelectual e a aprendizagem justamente devido à mistura entre fantasia e realidade, confundindo pensamentos e desejos. Ou seja, os contos apresentam conteúdos fantasiosos que submetem aspectos simbólicos para a criança que está em busca de uma autorrealização, ou um final feliz.

No processo de elaboração do luto, os contos de fadas são utilizados como recurso para facilitar a comunicação. Quando a vivência emocional do luto não é elaborada pela criança, o trabalho psíquico de superação da perda do objeto de amor passa por dificuldades, de modo que se torna propício o uso dos contos de fadas como auxílio para o processo de superação. Quando acontece qualquer situação de perda ou separação dos pais ou daqueles que exercem essa função, a informação deve ser passada à criança da maneira mais cuidadosa possível. Em situações de perda, a dor e a tristeza são sentimentos comuns. No entanto, o cuidado na comunicação da morte pode torná-la menos dolorosa, ajudando no processo de aceitação e fazendo com que seja possível a elaboração de recursos psíquicos frente ao trauma da perda repentina (GUIMARÃES; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016).

Na história de João e Maria, os pais são pobres e se preocupam com sua capacidade de cuidar dos filhos. O conto de fadas expressa, em palavras e ações, as coisas que se passam nas mentes infantis em termos da angústia dominante da criança. João e Maria acreditam que os pais estão tramando abandoná-los e deixá-los morrer de fome. A história retrata o medo do abandono que muitas crianças sentem, como a perda de um ente querido.

Em Branca de Neve, um dos contos de fadas mais conhecidos, encontra-se retratado, de forma mágica e simbólica, o desenvolvimento da criança até a sua maturidade. Já no início, com a morte da mãe de Branca de Neve, a criança ouvinte confronta-se com o sentimento de abandono, pois a personagem se vê órfã e carente de afeto. A situação perigosa em que se encontra a personagem sensibiliza a criança para as apreensões sobre o abandono. Para afastar o medo de ser abandonada, a criança busca pessoas que lhe transmitem uma sensação de segurança e tranquilidade.

Nos contos de fadas, a saída de cena das mães é fortalecedora, na medida em que obriga as personagens infantis a enfrentarem sozinhas um mundo cruel e perigoso. Destaca-se que a sequência das histórias representa o crescimento infantil e seus principais receios e temores relativos ao abandono, retratando a angústia de separação vivida, de forma intensa, por todas as crianças. Assim, percebe-se o quanto os contos podem colaborar para o trabalho do luto na criança.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da vida, o sujeito passa por diversas situações de perdas que, de certa maneira, contribuem para sua evolução e crescimento. Essas perdas podem ser representadas por várias situações, desde uma mudança até uma morte, de modo que passar pelo processo de luto torna-se inevitável. A morte é um processo natural e irreversível, sendo considerada um tabu, principalmente quando envolve uma criança. O desconforto dos adultos em abordar o tema colabora com os preconceitos culturalmente estabelecidos, segundo os quais as crianças não compreendem a morte. Ainda que o processo não se dê da mesma maneira entre adultos e crianças, estas compreendem e vivenciam o sentimento de perda. Contudo, caso não sejam motivadas a expressar sua angústia de forma saudável, o não dito pode se manifestar como sintoma e adoecimento.

Para a criança, a morte pode ser vista como uma punição por seu comportamento ou como algo reversível, uma vez que, dependendo da idade, o psiquismo infantil alimenta-se de fantasias acerca do tema. Quando a morte de um objeto de amor é revelada a uma criança, ela deve ser amparada e ter suas incertezas

resolvidas através de uma explicação clara acerca da morte, possibilitando que tenha melhores condições de enfrentar o processo de luto e superá-lo.

As narrativas ajudam a constituir os recursos psíquicos relativos à fantasia e à criatividade, auxiliando no processo de resolução de conflitos e se tornando, futuramente, ferramentas capazes de formar um adulto mais fortalecido diante das dificuldades da vida. O processo de elaboração do luto, quando acompanhado de narrativas, traz menos sofrimento ao ego. Os contos de fadas metaforizam toda a dor do sujeito, permitindo-lhe que se identifique com a perda sofrida pelas personagens. O reconhecimento de si mesmo na história proporciona à criança a capacidade de propor soluções para as próprias perdas.

Os contos de fadas são únicos e insubstituíveis. Assim, a criança pode extrair sentidos diferentes da mesma narrativa, dependendo de seus interesses e necessidades no momento. Caso tenha oportunidade, voltará ao mesmo conto quanto estiver pronta para ampliar seus significados ou substituí-los por novos. O sentido mais profundo dos contos de fadas será diferente para cada indivíduo. É singular para o mesmo indivíduo, em momentos distintos da vida.

Desta forma, é de grande importância que educadores, pais ou cuidadores trabalhem as atividades lúdicas como fonte de prazer, descontração, convivência, conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo infantil, tendo em mente as muitas contribuições do lúdico e, especialmente, dos contos de fadas, para lidar com crianças enlutadas.

## REFERÊNCIAS

ANTON, M. C.; FAVERO, E. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. **Interação Psicológica**, v.15, n.1, p. 101-110, 2011. Disponível em: <http://cdpsi.com.br/blog/wp-content/uploads/2015/08/MORTEREPENTINA-DOS-GENITORES.pdf>. Acesso em: 29 set. 2022.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

CALDIN, C. F. Aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v.9, n.18, p.72-89, 2004.

CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BONFIM, T. E. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicólogo Informação**, São Paulo, v.17, n.17, dez. 2013. Disponível

em:[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-88092013000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007). Acesso em: 07 set. 2022.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, D. P.; OLIVEIRA, I. de; RODRIGUES, P. T. M. **Era uma vez... O uso do lúdico na releitura dos contos de fadas na educação infantil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Instituto Científico de Ensino Superior de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em:

[http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais\\_simposio/arquivos\\_up/documentos/artigos/44c5ff51a14b7369df95f897c6eff937.pdf](http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/44c5ff51a14b7369df95f897c6eff937.pdf). Acesso em: 05 set. 2022.

KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras Completas de Melanie Klein. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOURA, J. G. de M.; ASSIS, M. de F. Psicanálise e contos de fadas no processo de elaboração do luto infantil. **Perspectivas em Psicologia**, v.22, n.1, p. 121-137, jan./jun. 2018.

OLIVEIRA, D. P. *et al.* A criança e a morte: um estudo acerca do lúdico no processo de luto infantil. **International Journal of Development Research**, v.10, n.10, p. 41120-41124, out. 2020. Disponível em:

<https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/19773.pdf>. Acesso em: 01 out. 2022.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1964.

PIAGET, J. Segunda parte: O Jogo. In: **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho – imagem e representação**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

SANTOS, M. L. C. dos. **A criança diante da morte do outro: os benefícios do lúdico na segunda infância para a vivência do luto saudável**. 2021. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, São

Luís, 2021. Disponível em:<http://repositorio.undb.edu.br/jspui/handle/areas/618>. Acesso em: 01 set. 2022.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.